

CHANG



Grandioso
Filme
naturalista
da selva
asiática

...Ele ouviu o uivo dum tigre esmoado, a quem pouco importa que toda a jungle o saiba...

...Na jungle, nenhum animal gosta de ser importunado, e está sempre pronto a atirar-se sobre o intruso. RUDYARD KIPLING em THE JUNGLE BOOK.



CHAMAMOS a *Chang* um *film naturalista*, e não nos arrependemos, porque esse é o melhor, senão o único, qualificado que cabe a uma produção do seu teor. *Chang* é produto exclusivo da natureza, sem qualquer artifício, quer de técnica, quer de efabulação. A máquina de filmagem deslocou-se de Hollywood até à selva indo-chinesa, a surpreender todos os seus encantos ignorados e magnifi-



centes, que, por enquanto, só tinham encontrado uma digna descrição da sua misteriosa beleza através da pena de Rudyard Kipling, em *The jungle book*.

O cinema, com o seu poder documental de fazer reviver na tela o que a distância não nos permite

observar, conseguiu que *Chang* fôsse a mais bela ilustração à imortal obra de Kipling, coroada em todo o mundo como uma maravilha de observação e estudo filosófico no reino da «jungle».

O que *Nanuk* foi para as intermináveis planícies geladas, e *Moana* para a beleza pagã dos mares do sul, *Chang* é-o para o primitivismo da selva asiática, onde impera ainda o mesmo aspecto arcaico de tempos pre-históricos.

Chang é um vigoroso documento da luta defensiva entre o homem e a natureza, que, à maneira da idade das cavernas, se mantém ainda nas selvas indianas e siamesas, porque aí, contrariamente ao que

acontece na África, onde todo o negro é caçador, o ente humano só alveja os animais em caso de absoluta necessidade. A única caça que se pratica nessas

paragens é a captura dos elefantes selvagens, que, longe de ser um sport, é uma cerimónia religiosa a que presidem os grandes senhores feudais das terras hindustânicas, não só porque aqueles paquidermes são considerados animais sagrados, mas também porque são tidos como únicos animais dignos de servirem de meio de locomoção a reis e rajahs.

Filmado nos grandes domínios do rei de Sião, que mantém no seu povo os mesmos costumes seculares de seus avós, *Chang* constituirá, de aqui a muitos anos, quando





A passos largos traça *Chang* a história duma família, que se desloca da sua tribo para ir procurar a fortuna ao coração da jungle, onde se alberga uma variada fauna selvagem, que parece dizer ao intruso: *ou me destróis ou eu te devoro.*

E a luta não tem interregnos. Os homens fazem saltar as árvores a poder de dinamite, sem pensarem, um instante, no que será o mistério impenetrável dessas florestas da idade dos fósseis, tão ricas de essências cujo segredo o guardou a antiguidade, tão povoadas de belos exemplares de feras que não se vencem facilmente.

Chang é a narrativa da vida aventureira de Krou, que um dia abandonou a sua tribo, partindo com a mulher e os filhos

em busca da fortuna e do paraíso que ele pressentia na floresta selvagem e primitiva.

Forte e audacioso, volta um dia à sua tribo, contando as suas aventuras e mostrando as suas riquezas aos que, sedentariamente, se haviam deixado ficar na terra, julgando louca e inútil aventura aquela que Krou fôra correr.

A caça ao leopardo, a busca dos tesouros,

a luta com os maiores perigos emociona e causa admiração, ficando-se agente a meditar na extraordinária força que a vontade do homem representa.

A marcha na floresta decorre longamente, tendo de se abrir caminho a machado, não se podendo prever de que perigos se estaria ameaçado, confiando-se em que uma velha espingarda seria elemento bastante para uma defesa eficaz.

Enfim, *Chang* é um maravilhoso filme para emocionar a nossa alma, para nos agitar os nervos e fazer-nos sentir fortes como se não fôssemos os últimos sonhadores de um paraíso terrestre.

Os civilizados, talvez por uma ancestralidade inapagável, sentem encanto e atracção para a floresta, para a caverna, para toda a reminiscência da vida primitiva do homem. Parece uma saudade do tempo remoto em que o homem caçava feras e assava a caça ao sol para se alimentar, cobrindo-se depois com a pele do animal morto para se defender da intempérie.

E, afinal, o que se sente não é essa mórbida



saúde — mas o enlêvo por uma visão perfeita de tantos mistérios da natureza que o homem ainda está longe de compreender.

O marido: — Foi um duelo tremendo. Nunca vi encontro à espada tão emocionante.

A mulher, distraída: — E a quantos passos de distância?...